

ENTRE TRILHOS E TRYS: RÚGBI, MODERNIDADE E DEPENDÊNCIA NO BRASIL E NA ARGENTINA DO SÉCULO XIX

BETWEEN TRACKS AND TRYS: RUGBY, MODERNITY, AND DEPENDENCY IN NINETEENTH-CENTURY BRAZIL AND ARGENTINA 

ENTRE RIELES Y TRYS: RUGBY, MODERNIDAD Y DEPENDENCIA EN EL BRASIL Y ARGENTINA DEL SIGLO XIX 

 <https://doi.org/10.22456/1982-8918.148341>

 **Danilo Lutiano Valerio*** <danilo.valerio@alumni.usp.br>

 **Ary José Rocco Júnior*** <aryrocco@usp.br>

 **Marco Antonio Bettine de Almeida**** <marcobettine@usp.br>

* Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil.

** Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, Brasil.

Resumo: O objetivo deste estudo foi analisar as determinações econômicas que possibilitaram a introdução do rúgbi no Brasil e na Argentina em meados do século XIX. A partir de uma crítica fundamentada na tradição marxista, buscou-se ultrapassar leituras que permanecem na esfera da aparência, ao focalizarem apenas aspectos imediatos, como a imigração inglesa e os mitos fundadores em torno de figuras esportivas. Com base na categoria **padrão de reprodução do capital**, o artigo identificou as estruturas materiais que condicionaram a inserção dessa prática esportiva como parte do processo de expansão do modo de produção capitalista. A análise evidenciou que a dinâmica de acumulação e reprodução do capital — marcada pela exportação de capitais, domínio das infraestruturas e subordinação econômica dos países periféricos — foi determinante para a constituição de um novo ideário cultural nos centros urbanos latino-americanos, no qual o rúgbi emergiu como expressão da modernidade e da dominação britânica.

Palavras-chave: Padrão de Reprodução do Capital. Rúgbi. Brasil. Argentina.

Recebido em: 20 jun. 2025
Aprovado em: 26 out. 2025
Publicado em: 31 mar. 2026



Este é um artigo publicado sob a licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

1 INTRODUÇÃO

A introdução do Esporte Moderno inglês em determinados países sul-americanos tem em suas raízes a forte presença e influência da Inglaterra no contexto econômico, político e cultural que marcou a região no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. Modalidades esportivas como futebol, rúgbi, críquete, tênis, turfe e boxe são exemplos concretos de manifestações esportivas inglesas que atravessaram o Atlântico e se fixaram em países como Brasil e Argentina (Antonio, 2017; Melo, 2010; Melo; Gonçalves, 2019).

Logo, entende-se o Esporte Moderno a partir da leitura de ruptura que o posiciona como um produto da contemporaneidade, associado diretamente ao surgimento e à lógica de funcionamento da sociedade liberal burguesa (Bourdieu, 2019; Brohm, 1982; Guttmann, 1978). Assim, é possível observar que a concepção desse fenômeno de natureza histórico-social revela uma relação objetiva entre as dimensões econômicas, políticas e culturais que se entrelaçaram nesses espaços geográficos específicos durante o período exposto acima (Schwarcz, 2012). Essa premissa é tratada por diversos autores que problematizaram tal temática ao fragmentarem os elementos particulares envolvidos de forma material na introdução e consolidação dessas práticas esportivas originárias em solo britânico.

Antonio (2017) lança luz sobre essa linha de investigação ao notar que grande parte da historiografia acerca da introdução do rúgbi no Brasil tem privilegiado a presença de figuras específicas responsáveis por fomentar os primeiros “passos da bola para trás” no país. Tal enfoque fornece subsídios relevantes para a apreensão do papel desempenhado por esses determinados atores sociais vinculados ao desenvolvimento inicial da prática do rúgbi nas nações que receberam essa modalidade esportiva.

Outro aspecto significativo que pode ser observado nesse contexto de pesquisa refere à análise dos processos migratórios europeus que atingiram a América do Sul e sua relação direta com a promoção das modalidades esportivas modernas nos países desse continente. Araújo (1996) e Streapco (2016) demonstraram como esse fenômeno migratório constituiu um fator condicionante fundamental para a formação de uma cultura esportiva específica no Brasil.

Nesse mesmo campo analítico, Araújo e Giglio (2022) observaram a relevância do rúgbi para a conformação de uma identidade nacional na Argentina. Destaca-se, nesse caso, o vínculo entre a prática do rúgbi e a constituição de identidades de classe na sociedade argentina durante as primeiras décadas do século XX. No contexto brasileiro, Gutierrez (2016) argumenta que a introdução do rúgbi, também nesse período, possibilitou a construção de uma identidade esportiva em torno da modalidade, favorecendo processos de incorporação e inclusão de imigrantes diretamente envolvidos com essa prática.

A delimitação dessas relações surge como um dado que reflete a aparência do problema e, manifesta assim, certa objetividade em torno das ocorrências que atingem de forma imediata a realidade posta em questão. Esse diagnóstico aparente

fornece de forma inicial importantes informações, porém não comporta como tal as estruturas e dinâmicas que sustentam essencialmente o objeto, não contendo em si de maneira integral as suas determinações constitutivas.

Neste sentido, para apreender o movimento real que alcança toda a materialidade desse processo histórico — ultrapassando a aparência imediata do fenômeno —, faz-se necessário arquitetar um exame que tem na categoria de totalidade o seu marco teórico, para assim, de tal modo, identificar as categorias elementares que confirmam a sua essência. O que justifica a adoção desse procedimento teórico-metodológico é o propósito de buscar uma interpretação sobre esse programa de pesquisa que saia da mistificação que atinge as análises em relação a essa temática, identificando assim os fundamentos concretos que confirmam de forma radical o advento das modalidades esportivas inglesas e o seu processo de desenvolvimento nos países em que estas foram lançadas.

Para tanto, é exposto que essa categorização tem o Modo de Produção Capitalista como seu elemento fundante, o qual estrutura as bases produtivas enquanto dimensão determinante dos processos políticos, sociais, culturais e técnicos que dele se originam (Althusser, 1985; Lukács, 2012; Marx, 1982, 2008, 2009; Marx; Engels, 2019; Mazzeo, 2015; Netto; Braz, 2012; Pinto, 2020; Silva, 2017).

Esse entendimento orienta-se por estabelecer que a formação econômico-social que se organiza como resultado dos processos produtivos que autorizam a dominação desse modo de produção é a constituição da Sociedade Liberal Burguesa que no seu contínuo desenvolvimento avança e ainda se expressa na contemporaneidade. Assim, a conformação concreta dessa realidade — tal como ela é, em sua totalidade — lógica de funcionamento histórica e socialmente determinada pelas leis gerais que regem o seu modo de produção material (Marx, 2008, 2009).

À luz dessa perspectiva, o objetivo do presente estudo é analisar as determinações econômicas que possibilitaram a chegada do rúgbi no Brasil e na Argentina em meados do século XIX. Para tal, a compreensão do fenômeno proposto decorre da análise das raízes econômico-materiais que se manifestaram no âmago das respectivas conjunturas históricas. Em consequência, adota-se como ferramenta teórico-metodológica a categoria de padrão de reprodução do capital, uma vez que essa categorização permite explicitar, de modo concreto, “como o capital se reproduz em períodos históricos específicos e em espaços geoterritoriais determinados” (Osorio, 2012, p. 40).

2 MÉTODO DE PESQUISA

Para apreender o fenômeno objetivado tal como ele é essencialmente, o estudo apresenta como linha teórico-metodológica a tradição marxista. Consequentemente, a lógica que sustenta a crítica desenvolvida pauta-se pela determinação rigorosa dos fundamentos essenciais do problema analisado (Marx, 1982, 2008, 2009; Netto; 2011). Ao demarcar esse campo teórico como fundamento central que ampara analiticamente a investigação, afirma-se que a perspectiva adotada tem

no materialismo histórico-dialético seu núcleo estruturante. Isso implica reconhecer que a crítica exercida se baseia na dialética marxiana como suporte do processo de abstração, em conformidade com a exigência metodológica de realizar uma “análise concreta de cada situação histórica particular” (Lênin, 2021, p. 177).

Em consequência, a arquitetura categorial aqui mobilizada confere ao controle metodológico do processo investigativo um papel determinante (Konder, 2009; Lênin, 2021; Lukács, 2012; Marini, 2005; Marx, 1982, 2008, 2009; Netto, 2011). O percurso epistemológico do estudo segue, de modo ortodoxo, os escritos de Marx (1982, p. 104), particularmente ao reconhecer que “o método é a força absoluta, única, suprema, infinita, a quem nenhum objeto poderia resistir”.

De acordo com Marx (1982), essa força absoluta reside na capacidade do método de operar por meio da abstração — um processo que capta a materialidade estrutural do objeto analisado. O “método absoluto” corresponde, segundo o autor, à “abstração do movimento”, à medida que esse se apresenta “em estado abstrato”, enquanto “fórmula puramente lógica do movimento” ou “movimento da razão pura” (Marx, 1982, p. 104-105). Essa abordagem teórico-metodológica permite a formulação de categorias que, ainda que construídas no plano das ideias, refletem os movimentos reais e concretos da realidade, revelando sua estrutura essencial.

Esse tipo de tratamento teórico tem no método o eixo que sustenta a construção de categorias abstratas de categorias, cujas expressões materiais correspondem às determinações que fundamentam a compreensão do processo histórico em questão. A consolidação desse campo teórico resulta na conformação de um corpo categorial robusto, apto a orientar cientificamente a análise da essência de fenômenos históricos determinados. Conceitos como Modo de Produção Capitalista, Formação Econômico-Social, Conjuntura, Sistema Mundial, Imperialismo, Escravidão Colonial, Via Colonial de Desenvolvimento do Capitalismo e Dependência figuram como exemplos paradigmáticos, formulados a partir da aplicação rigorosa desse instrumental metodológico (Gorender, 2016; Lênin, 2021; Marini, 2005; Marx, 2008, 2009; Mazzeo, 2015; Osorio, 2012; Santos, 2023).

Com base nesse plano instrumental, adota-se a categoria **padrão de reprodução do capital** como arcabouço analítico para a análise das estruturas e dinâmicas objetivas que condicionaram a chegada e o desenvolvimento do rúgbi no Brasil e na Argentina. Essa escolha justifica-se na medida em que a referida categoria permite a reprodução ideal das relações estruturais abstratas que fundamentam o fenômeno investigado (Osorio, 2012).

Não será apresentada, neste artigo, uma descrição exaustiva das determinações do ciclo do capital conforme expostas por Marx (C1 – P – C2), dada a densidade teórica envolvida. Contudo, cabe sintetizar brevemente que essa expressão categorial abstrata representa as três fases do ciclo: a fase inicial de circulação de mercadorias (C1 – o capital, na forma de dinheiro, adquire os meios de produção e força de trabalho), a fase de produção (P – capital se valoriza transformando-se em mercadorias por meio de um processo de exploração da força de trabalho

que tem na geração da mais-valia o seu fundamento – capital produtivo) e a fase final de realização (C2 – o capital, na forma de mercadoria, é vendido no mercado e convertido novamente em dinheiro). Esse processo é sintetizado pela fórmula $D - M - M' - D'^1$ que representa a rotação do capital e o seu processo de valorização (Amaral; Carcanholo, 2012; Marini, 2012; Marx, 2008, 2009; Osorio, 2012).

Em suma, portanto, é exposto que essa formulação abstrata promovida por Marx (2008, 2009) e, largamente apreendida pela corrente de pensamento marxista é o suporte categorial-analítico que suporta o emprego da categoria padrão de reprodução do capital e, que a confirma como tal. A presença do vigor categorial que esse instrumento metodológico carrega fez a sua escolha tornar-se metodologicamente possível.

A escolha por essa perspectiva decorre da capacidade teórico-analítica de captar os movimentos essenciais que constituem, de maneira radical, os ciclos de acumulação e reprodução do capital em contextos históricos específicos e em territórios geoeconômicos determinados (Amaral; Carcanholo, 2012; Ferreira; Osorio; Luce, 2012; Marini, 2012; Osorio, 2012).

Essa escolha metodológica pressupõe, ainda, a incorporação do princípio de **historicidade** como elemento regulador do exercício teórico. Isso porque o processo de abstração que sustenta esse aparato metodológico exige, como condição, a apreensão do processo histórico concreto no qual se insere o fenômeno analisado. Assim, a operação com a categoria padrão de reprodução do capital permite identificar a reorganização da produção material em “novos eixos de acumulação”, cuja conformação se dá em períodos históricos determinados (Osorio, 2012, p. 41).

Osorio (2012) legitima essa perspectiva ao afirmar que o capital assume formas históricas distintas de reprodução, as quais estão condicionadas às transformações estruturais que modificam a totalidade do modo de produção capitalista. A importância de sancionar esse suporte teórico reside no reconhecimento do modo de produção capitalista como forma histórica de caráter universal, cujos processos produtivos se tornaram referência estruturante para a constituição de múltiplas formações econômico-sociais ao redor do globo (Althusser, 1985; Lukács, 2012; Marini, 2017; Marx, 2008; 2009; Mazzeo, 2015; Osorio, 2012):

É a partir da aurora do desenvolvimento do capitalismo que a história se constitui em história universal e que os mais diversos rincões do planeta se integram, com graus de intensidade variados, em um sistema mundial, dando passagem ao sistema mundial capitalista. Nesse nível situam-se problemas como o mercado mundial, a divisão internacional do trabalho, o imperialismo, a dependência, o intercâmbio desigual e os movimentos cíclicos do capital, com suas ondas longas e suas fases de ascenso e descenso (Osorio, 2012, p. 39).

Ancorado nos escritos de Marini (2005), Osorio (2012) afirma que esse desenvolvimento se dá de forma **heterogênea**, resultando na constituição de zonas de influência que apresentam perfis diversos em relação à conformação das forças

¹ No esquema proposto por Marx (2008, 2009) D – Dinheiro – M – Mercadoria – M' – Mercadoria Produzida – D' – Dinheiro acrescido de lucro.

produtivas e às dinâmicas específicas de reprodução, realização e acumulação de capital em cada formação. O que confirma a configuração desse sistema é a existência de uma divisão estrutural entre regiões centrais (países centrais) e periféricas (países periféricos), cuja articulação se sustenta em legalidades estruturais derivadas das contradições econômicas inerentes ao processo de transferência de valor da periferia ao centro (Bambirra, 2019; Carcanholo, 2005; Marini, 2005; 2017; Osorio, 2012; Santos, 2018, 2023).

Fica evidente, assim, a existência de um **Sistema-Mundo** cuja lógica de funcionamento está ancorada no modo de produção capitalista, que articula globalmente os processos de circulação e acumulação de capital. Esse sistema manifesta-se de maneira desigual e combinada, promovendo implicações políticas, sociais e culturais (Bambirra, 2019; Lênin, 2021; Marini, 2005, 2017; Osorio, 2012; Santos, 2018, 2023). Essa leitura pode ser sintetizada nas palavras de Marini (2017, p. 47), ao afirmar que, ao longo dos séculos XIX e XX, o subdesenvolvimento latino-americano não pode ser compreendido senão como expressão do desenvolvimento do sistema capitalista mundial: “A história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento do sistema capitalista mundial.”

Sendo assim, a categoria **padrão de reprodução do capital** oferece os fundamentos teóricos necessários para o exercício de abstração das determinações concretas e totalizantes que possibilitaram a inserção do rúgbi no Brasil e na Argentina no período analisado. Para tanto, utilizou-se de fontes secundárias (livros) para coletar os dados materiais correspondentes a esse processo histórico com o objetivo de suportar tal exigência metodológica. A apreensão crítica desses autores que analisaram as mediações e contradições inerentes à fase de desenvolvimento do modo de produção capitalista em escala mundial, relativo ao período em questão, marcou essa etapa teórica do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura sobre a inserção das modalidades esportivas inglesas em diferentes regiões no mundo, em meados do século XIX, reúne uma quantidade significativa de estudos que têm como ponto central uma análise que toca nos elementos imediatos que se apresentaram concretamente nesse transcurso. Uma rápida revisão em relação a essa temática traz a sua confirmação, no instante em que unidades particulares e superficiais são colocadas como determinações constitutivas que financiaram o suceder desse fenômeno.

A implantação das estradas de ferro, a natureza específica da imigração inglesa e sua conseqüente influência cultural, bem como a construção de mitos fundadores em torno de personagens que atuaram no florescimento dessas práticas esportivas, são exemplos de leituras que tocam no seu caráter aparente (Almeida, 2017; Antonio, 2017; Araujo; Giglio, 2022). A abstração aqui empreendida, portanto, procura romper com essa lógica e busca identificar o padrão estrutural que determinou

a sua materialidade tal como ela é essencialmente. Ao abstrair a realidade empírica, a categoria de totalidade se impõe como base teórico-metodológica fundamental, permitindo alcançar o movimento real correspondente à introdução do rúgbi nas sociedades brasileira e argentina. Tal escolha metodológica se justifica por permitir localizar a estrutura produtiva como elemento central, capaz de condicionar as ocorrências políticas, sociais e culturais que constituíram esse processo histórico.

O período em questão marca uma determinada etapa do desenvolvimento do modo de produção capitalista² que avança no seu processo histórico correspondente à segunda metade do século XIX e início do século XX. A interpretação material dessa etapa é crucial para a compreensão do fenômeno, pois a apreensão da dinâmica de reprodução e acumulação do capital em escala global permite identificar os processos culturais, sociais e políticos condicionados por essa estrutura.

Para apreender as legalidades que sustentam os movimentos essenciais desse processo histórico, adota-se a categoria **padrão de reprodução do capital**. A potência teórico-metodológica dessa categoria reside na capacidade de analisar as mediações entre o sistema mundial de reprodução e acumulação do capital e a estrutura de reprodução e acumulação em formações econômico-sociais específicas (Mazzeo, 2015; Osorio, 2012). O aporte teórico fornecido por essa categorização permite observar a existência de relações concretas mediadas pela dinâmica mundial de acumulação, que condiciona objetivamente os processos análogos ao funcionamento interno do modo de produção capitalista inerente à lógica das economias locais. Essa compreensão analítica contribui ainda para o diagnóstico de como o capital, historicamente, adota diferentes padrões de reprodução, subordinados às transformações ocorridas na divisão internacional do trabalho que estrutura o regime de acumulação em âmbito global (Osorio, 2012).

Osorio (2012) confirma, assim, a importância de determinar o condicionante histórico como ponto grave dentro do processo de abstração voltado a alcançar os movimentos efetivos do capital, responsáveis pelos ciclos de reprodução e acumulação em escala global. Ao provocar esse tipo de ação teórica, apreende-se que “historicizar a reprodução do capital implica compreender as condições que tornam possível o ascenso e o auge de um padrão, assim como seu declínio e crise”, o que resulta em considerar “os momentos de transição, nos quais um antigo padrão não termina de desaparecer ou constituir-se em padrão subordinado e outro novo não termina de amadurecer ou converter-se em padrão dominante” (Osorio, 2012, p. 41).

Durante meados do século XIX e o início do século XX, a dinâmica de reprodução e acumulação de capital intrínseca ao padrão de reprodução então vigente apresentava características particulares, assentadas sobre uma lógica de **reprodução ampliada do capital** baseada na **exportação de capitais**. Essa configuração se materializa na presença de investimentos estrangeiros que demarcam a especificidade daquele momento histórico (Lênin, 2021).

² Lênin define essa fase histórica como Imperialismo. Ver mais sobre esse período de desenvolvimento do modo de produção capitalista em seu livro “Imperialismo, estágio superior do capitalismo” (Lênin, 2021).

Tabela 1 - Capitais investidos pela Inglaterra, França e Alemanha no estrangeiro durante a década de 1910 (bilhões de Marcos Alemães³)

	INGLATERRA	FRANÇA	ALEMANHA
EUROPA	4	23	18
AMÉRICA	37	4	10
ÁSIA – ÁFRICA AUSTRÁLIA	29	8	7
TOTAL	70	35	35

Fonte: adaptado de Lênin (2021, p. 87).

Nesse contexto, a Inglaterra se destaca como potência hegemônica em relação às dinâmicas estruturais referentes à lógica de funcionamento do padrão de reprodução do capital que se afirmava. Sua hegemonia assentava-se na supremacia econômica, que permitia a expansão de seus interesses para além de seus limites territoriais. Em 1910, por exemplo, a Inglaterra em conjunto com os Estados Unidos, França e Alemanha concentravam aproximadamente cerca de “80% do capital financeiro mundial”, os britânicos liderando, com cerca de 142 bilhões de francos⁴ (Lênin, 2021, p. 83).

Essa hegemonia materializou-se na exportação do excedente sob a forma de investimentos, o que permitiu à Inglaterra penetrar diversas economias ao redor do mundo, convertendo-se em agente central de controle político, econômico e cultural. A América Latina, por exemplo, foi um importante destino em que esses capitais foram alocados. Durante os anos finais do século XIX e o princípio do século XX a Inglaterra e Alemanha realizaram investimentos na Argentina, no Brasil e no Uruguai que alcançaram um montante aproximado de 4 bilhões de dólares (Ortiz, 2014).

Tabela 2 - Investimento inglês em outros países

Ano	BILHÕES EM FRANCOS
1862	3,6
1872	15
1882	22
1893	42
1902	62
1914	75-100

Fonte: adaptado de Lênin (2021, p. 87).

Segundo Lênin (2021, p. 87), por volta da década de 1910, os britânicos haviam investido aproximadamente 37 bilhões de marcos na América. Basbaum (1962, p. 194) acrescenta que, em 1913, os investimentos ingleses na América do Sul e Central somavam cerca de 5 bilhões de dólares. Esse quadro viabilizou uma política de **penetração econômica** na estrutura brasileira e argentina, consolidando uma **subordinação estrutural** dessas economias ao capital inglês (Bambirra, 2019; Marini, 2005, 2017; Santos, 2018, 2021, 2023). Santos (2021) demonstra que essa

³ O Marco Alemão era a moeda da Alemanha em 1910. Em 2025 o valor de 1 Marco Alemão corresponde a R\$ 3,27. Ver em: CONVERSOR de moeda. Disponível em: <https://www.ifcmarkets.com.br/currency-converter/dem-brl>. Acesso em: 15 mar. 2025.

⁴ O Franco Francês foi a moeda oficial da França até o país entrar na Zona do Euro em 2002. O valor de 1 Franco Francês em 2025 corresponde a R\$ 0,97. Ver em: CONVERSOR de moeda. Disponível em: <https://www.ifcmarkets.com.br/currency-converter/frf-brl>. Acesso em: 15 mar. 2025.

dependência teve início com empréstimos britânicos ao governo brasileiro, que mais tarde se expandiram para setores como transportes, energia e telecomunicações. Basbaum (1976, p. 176) confirma essa trajetória ao registrar que, até o final do Império, o Brasil havia contraído da Inglaterra 32 milhões de libras, que, somadas aos encargos financeiros, totalizavam 68 milhões.

O capital inglês, que na primeira metade do século XIX procurou controlar o país através de empréstimos ao governo e a particularidades, que tinham por objetivo cobrir *déficits* da balança comercial, muda as suas relações com o Brasil na segunda metade do século, incursionando nos setores do transporte, serviços públicos, energia elétrica, comunicações etc., procurando aproveitar as reservas financeiras do país, geradas pelo superavit que passa a existir na balança comercial, o qual permite ao Brasil comprar ferrovias, aço e maquinarias da Inglaterra, além das clássicas importações de produtos de luxo (Santos, 2021, p. 44).

Basbaum (1976, p. 176) confirma que “até o fim do Império havia o Brasil tomado da Inglaterra 32 milhões de libras que, segundo Amaro Cavalcanti, os haviam custado, somados os juros e amortizações, despesas e comissões, 68 milhões de libras”. Entre os anos de 1893-1927 o Brasil tomou emprestado dos ingleses mais de 103 milhões de libras (Basbaum, 1962).

Tabela 3 - Empréstimos da Inglaterra para o Brasil

Ano	LIBRAS
1893	3.170.000
1895	7.442.000
1895	37.735.820
1914	14.502.396

Fonte: adaptado de Basbaum (1962, p. 194-196).

Ortiz (2014) detalha como os empréstimos constituíam-se em uma ferramenta importante que o capital inglês se utilizava para se reproduzir enquanto tal. Durante a década de 1820, as colônias espanholas contraíram cerca de 7 milhões de libras, gerando um passivo de quase 20 milhões. A Argentina, por sua vez, firmou seu primeiro empréstimo em 1824 — 1 milhão de libras, com juros de 6% ao ano e prazo de 40 anos — o que deu início a uma longa relação de dependência financeira com a Inglaterra. Essa circunstância é muito bem detalhada por Lênin (2021, p. 110) que afirma uma relação de “dependência financeira e diplomática” que se torna estrutural entre esses dois países durante esse tempo histórico:

A América do Sul e, em especial a Argentina”, diz Schulze-Gaevernitz no seu livro sobre o imperialismo britânico, “encontra-se em tal dependência financeira com Londres que quase a devemos qualificar de colônia comercial inglesa”. Segundo Schilder, os capitais investidos pela Inglaterra na Argentina, de acordo com os dados fornecidos em 1909 pelo cônsul austro-húngaro em Buenos Aires, chegavam a 8,75 bilhões de francos. (Lênin, 2021, p. 110-111).

A forma de reprodução do capital vigente implicava o direcionamento de investimentos para estruturas produtivas específicas, consideradas estratégicas para o regime de acumulação. Osorio (2012) afirma que o capital, ao longo da história, reveste-se de formas distintas para se reproduzir, elegendo ramos produtivos

particulares conforme o desenvolvimento técnico e os meios de produção disponíveis. Ao colocar isso em vista, é exposto que os empréstimos realizados além de financiar o pagamento de outros empréstimos, dos seus juros e amortizações, tinham por função também se constituírem como investimentos em áreas determinadas que no período exposto se configuravam como importantes espaços de reprodução. Essa condição histórica fez com que o capital inglês penetrasse em algumas estruturas produtivas que se desenvolviam no Brasil e na Argentina, o que permitiu aos ingleses terem um controle produtivo que subordinou as relações de produção que então germinavam nesses países (Basbaum, 1962, 1976; Lênin, 2021; Marini, 2005, 2017; Ortiz, 2014; Santos, 2021).

Os investimentos britânicos em setores produtivos específicos do Brasil e da Argentina seguiram um padrão lógico e, determinam de maneira concreta o capital inglês como agente crucial no processo de modernização econômica da região, especialmente no que tange à construção de infraestruturas e à implantação das primeiras unidades industriais. O exemplo das ferrovias — projetadas, financiadas e controladas pelos ingleses — ilustra de modo evidente essa inserção produtiva orientada à reprodução do capital. Além disso, a Inglaterra buscou dominar o comércio exterior, posicionando-se como principal destino das exportações de matérias-primas e como fornecedora exclusiva de bens manufaturados. Esse domínio expressava-se no controle do mercado interno, nas trocas comerciais externas, nas infraestruturas críticas e na subordinação das forças produtivas locais (Almeida, 2017; Basbaum, 1962, 1976; Lênin, 2021; Ortiz, 2014; Santos, 2021).

Ortiz (2014, p. 46) revela, com base em relatórios oficiais, que, em 1930, os britânicos controlavam 71% do capital nominal da indústria de produtos agrícolas na Argentina. Ademais, quatro firmas inglesas dominavam 81% da comercialização de grãos no país. O mesmo padrão de dominação se repetia no controle das ferrovias e da logística portuária. Freyre (2011) demonstra que, no século XIX, as mercadorias inglesas dominavam amplamente o comércio interno brasileiro. Essa observação é reforçada por Basbaum (1976), que descreve a dependência produtiva e comercial do Brasil frente à Inglaterra como total: da construção de navios ao fornecimento de vestuário, passando por iluminação, transporte, mineração e infraestrutura urbana.

A Inglaterra fornece todo o capital necessário para melhoramentos internos no Brasil e fabrica todos os utensílios de uso doméstico, da enxada para cima, e quase todos os artigos de luxo, ou de necessidade, desde o alfinete até o vestido mais caro [...] A Grã-Bretanha fornece ao Brasil os seus navios a vapor e a vela, calça-lhe e drena-lhe as ruas, ilumina-lhe a gás as cidades, constrói-lhe as ferrovias, explora-lhe as minas, é seu banqueiro, levanta-lhe as linhas telegráficas, transporta-lhe as malas, constrói-lhe as docas, motores, vagões, numa palavra, veste e faz tudo, menos alimentar o povo brasileiro. (Basbaum, 1976, p. 175).

A exposição desses dados revela os eixos centrais que estruturavam o padrão de reprodução do capital em funcionamento à época. Compreender essa lógica estrutural permite explicar materialmente os processos que financiaram a introdução do rúgbi no Brasil e na Argentina. A estrutura produtiva, enquanto “elemento

conformador da totalidade”, proporciona uma chave explicativa para as dimensões políticas, sociais e culturais presentes nesse processo histórico (Mazzeo, 2015, p. 22).

Esse diagnóstico aponta para uma base material que explica, de modo concreto, por que a influência inglesa se impôs na formação econômico-social brasileira e argentina. Tal condição moldou as sociedades locais e condicionou o surgimento de uma nova arquitetura cultural nos grandes centros urbanos emergentes, como São Paulo, Rio de Janeiro e Buenos Aires. A incorporação de hábitos modernos concretizou-se na criação de instituições sociais e culturais de inspiração britânica: escolas, igrejas, clubes e práticas esportivas. Esses locais fomentaram a concepção de práticas que foram símbolo da modernidade que atingiram culturalmente essas nações. (Antonio, 2017; Araujo; Giglio, 2022; Basbaum, 1962; Freyre, 2011; Melo; Gonçalves, 2019).

Com efeito, foi originada uma vida cultural ligada ao esporte que guarda correspondência com a promoção de práticas esportivas relacionadas a esse quadro histórico. A introdução de modalidades esportivas inglesas, como o rúgbi, é um exemplo objetivo que marcou de modo efetivo as respectivas conjunturas. Logo, a formação de instituições ligadas a essa prática simboliza concretamente esse processamento. Sua presença nas elites urbanas e nos clubes de origem inglesa — como o São Paulo Athletic Club, o São Paulo Railway Cricket Club e a River Plate Rugby Football Union — atesta sua função como marca da modernidade cultural e da dominação britânica no espaço esportivo latino-americano (Antonio, 2017; Araujo; Giglio, 2022; Melo; Gonçalves, 2019).

De tal maneira, os movimentos que atravessaram o desenvolvimento do rúgbi apresentam determinações próprias que compreendem a sua especificidade histórica. Por exemplo, ao colocar em análise os processos de popularização do rúgbi e do futebol em terras argentinas e brasileiras, nota-se a presença de particularidades que demarcaram os respectivos trajetos. Observa-se, então, que o futebol passou rapidamente de uma prática restrita à comunidade britânica, classes médias e classe dominante, para ser incorporado como prática esportiva e de lazer do proletariado, tornando-se parte fundante da cultura popular desses países. Já o rúgbi nestes locais manifestou em suas raízes similaridades concretas em relação ao futebol, porém o seu avançar histórico não alcançou tal grau de maturidade popular. Hipóteses são diversas que buscam autorizar as explicações materiais em respeito a trajetória popular que essa modalidade seguiu, manifestando uma série de especulações que vão do seu perfil prático a predileções culturais (Almeida, 2023; Antonio, 2017; Araujo; Giglio, 2022; Caldas, 1990; Guterman, 2009; Gutierrez, 2016; Hall; Reis, 2019; Melo; Gonçalves, 2019).

Entretanto, mesmo ficando restrito em grande medida à colônia inglesa e seus descendentes e parte das camadas médias, na Argentina o rúgbi assume um papel de maior destaque e prestígio esportivo em comparação com o rúgbi no Brasil, que pode ser explicado pelo fato da Argentina ser o país latino-americano que apresentou o maior nível de dependência econômica com a Inglaterra. Esse aspecto se expressou objetivamente no seu contexto social com a presença de mais de 30 mil colonos

britânicos durante os anos de 1910 em solo argentino. Portanto, este fator pode ajudar a explicar a presença mais intensa do rúgbi nesse país (Antonio, 2017; Araujo; Giglio, 2022; Basbaum, 1962; Gutierrez, 2016; Hall; Reis, 2019; Melo; Gonçalves, 2019; Ortiz, 2014).

Em consequência, coloca-se em destaque o caráter de classe que o rúgbi enquanto prática esportiva assume nesse período histórico nessas duas formações econômico-sociais, o que joga luz acerca de questões que se refletiram no plano ideológico e que podem se confirmar como responsáveis por financiar inúmeros processos determinantes para a inclusão e exclusão nessa respectiva prática esportiva (Araujo; Giglio, 2022; Bourdieu, 2019; Brohm, 1982; Marx, 2008; Marx; Engels, 2019).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A introdução do rúgbi no Brasil e na Argentina revela um conjunto de aspectos vinculados às dimensões políticas, sociais e culturais que desempenharam papel relevante na conformação desse processo. No entanto, a exposição dessas perspectivas sinaliza apenas para o imediato do dado e, assim, não alcançam a correspondência do seu essencial. Neste sentido, esse tipo de diagnóstico descreve concretamente apenas a aparência imediata do problema a partir do reconhecimento de alguns elementos que atuaram de modo grave no seu interior. Essa observação confirma, portanto, que essa descrição reconhece apenas algumas mediações que tangenciaram o objeto sem penetrar em sua totalidade.

Entende-se então, que essa imediatez descrita se traduz na exposição de propriedades concretas que expressam certas particularidades históricas, mas por se confirmarem apenas no plano fenomênico. Portanto, mesmo que essa apreensão conceitual forneça subsídios para a compreensão dessa evidência emergente, e demonstre assim a sua importância, ela manifesta o seu limite teórico ao mistificar o real, não suportando de modo radical uma abstração que financie teoricamente a expressão material da realidade na sua forma totalizante.

Diante disso, o presente estudo propôs uma crítica fundamentada na busca pelas estruturas e dinâmicas materiais que sustentaram, de modo objetivo, o processo histórico de inserção do rúgbi no Brasil e na Argentina. Para tal, recorreu-se à categoria **padrão de reprodução do capital**, que ofereceu os instrumentos teóricos adequados à identificação dos movimentos constitutivos que condicionaram esse acontecimento. A análise, então, permitiu evidenciar que a dinâmica de reprodução e acumulação do capital vigente no período em questão foi elemento determinante para a chegada e o posterior desenvolvimento do rúgbi em ambas as conjunturas nacionais. A confirmação dessa determinação estrutural inscreve o fenômeno esportivo em uma lógica mais ampla de dominação econômica e cultural, articulada à expansão do modo de produção capitalista e à consolidação de um sistema mundial de dependência.

No limite, esta investigação buscou alcançar as raízes que sintetizam a essência do fenômeno, a partir da interpretação de como em um momento histórico específico, o desenvolvimento do capitalismo condicionou as mediações e determinações próprias de uma de suas estruturas sociais. Ao fazê-lo, reafirma a centralidade da crítica teórica na elucidação dos processos históricos e a relevância da perspectiva totalizante para a compreensão de fenômenos sociais complexos, como a difusão do esporte moderno nos países periféricos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de. O futebol e a sociabilidade: a ginga habermasiana e dionisíaca. **Movimento**, v. 29, e29007, p. 1-14, 2023. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.121508>
- ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de. **Os caminhos da bola pelas estradas de São Paulo**. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017.
- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- AMARAL, Marisa Silva; CARCANHOLO, Marcelo Dias. Super exploração da força de trabalho e transferência de valor: fundamentos da reprodução do capitalismo dependente. In: FERREIRA Carla; OSORIO, Jaime; LUCE Mathias Seibel. **Padrão de reprodução do capital**: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 87-102.
- ANTONIO, Victor Sá Ramalho. **Passe para trás!** Os primeiros anos do rúgbi em São Paulo (1891 – 1933). 2017. 208 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e futebol**: o caso Palestra Itália. 1996. 179 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- ARAUJO, Lucas Giachetto; GIGLIO, Sérgio Settani. Rugby e Argentina: dos valores e suas contradições à disputa pela formação da identidade nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 44, e012221, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/rbce.44.e012221>
- BAMBIRRA, Vânia. **O capitalismo dependente latino-americano**. Florianópolis: Insular, 2019.
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**: das origens até 1889. 4. ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1976.
- BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República**: de 1889 a 1930. 2. ed. São Paulo: Editora LB, 1962.
- BOURDIEU, Pierre. Como podemos ser desportistas? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 165-185.
- BROHM, Jean Marie. **Sociología política del deporte**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica, 1982. 334 p.
- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro (1894 – 1933). São Paulo: Ibrasa, 1990.

- CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Vulnerabilidade econômica do Brasil**: abertura externa a partir dos anos 90. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.
- FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias Seibel. **Padrão de reprodução do capital**: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012.
- FREYRE, Gilberto. **Inglese no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2011.
- GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 270 p.
- GUTIERREZ, Victor Diego Monteiro. **O rúgbi, identidade e processos econômicos do Brasil**. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- GUTTMANN, Allen. **From ritual to record**: the nature of modern sports. New York: Columbia University Press, 1978. 222 p.
- HALL, Gareth; REIS, Arianne. Rugby and sport development in Brazil: peripheral to centre stage. In: HARRIS, John; WISE, Nicholas. **Rugby in global perspective**: playing on the periphery. Abingdon: Routledge, 2019. p. 77-89
- KONDER, Leandro. **A derrota da dialética**: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- LÊNIN, Vladímir Ilitch. **Imperialismo**: estágio superior do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2021.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2012. v. 1.
- MARINI, Ruy Mauro. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro. **Ruy Mauro Marini**: dialética da dependência e outros escritos. São Paulo: Expressão Popular, 2005. p. 167-215.
- MARINI, Ruy Mauro. O ciclo do capital na economia dependente. In: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias Seibel. **Padrão de reprodução do capital**: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 21-35.
- MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e revolução**. Florianópolis: Editora Insular, 2017.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômicos-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- MARX, Karl. **Miséria da filosofia**: resposta à Filosofia da Miséria, do Sr. Proudhon. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1982.
- MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feurbach, B. Bauer e Stirner. Petrópolis: Vozes, 2019.
- MAZZEO, Antônio Carlos. **Estado e burguesia no Brasil**: origens da autocracia burguesa. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MELO, Victor Andrade de. **Esporte e lazer**: conceitos – uma introdução histórica. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MELO, Victor Andrade de; GONÇALVES, Michelle Carreirão. À sombra do futebol: experiências com o rugby nas duas primeiras décadas do século XX. **Movimento**, v. 25, e25003, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.79984>

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 8. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2012.

ORTIZ, Raúl Scalabrini. **Política britânica no Rio da Prata**. Florianópolis: Editora Insular, 2014.

OSORIO, Jaime. Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica. *In*: FERREIRA, Carla; OSORIO, Jaime; LUCE, Mathias Seibel. **Padrão de reprodução do capital**: contribuições da teoria marxista da dependência. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 37-86.

PINTO, Álvaro Vieira. **Consciência e realidade nacional**: a consciência ingênua. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. v. 1.

SANTOS, Theotonio dos. **Evolução histórica do Brasil**: da colônia à crise da “Nova República”. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

SANTOS, Theotonio dos. **Socialismo ou fascismo**: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano. Florianópolis: Editora Insular, 2018.

SANTOS, Theotonio dos. **Teoria da dependência**: balanço e perspectivas. 2. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2023.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **História do Brasil Nação (1808-2010)**: a abertura para o mundo (1889-1930). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, Ludovico. **A mais-valia ideológica**. Florianópolis: Insular, 2017.

STREAPCO, João Paulo França. **Cego é aquele que só vê a bola**: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

Abstract: The aim of this study was to analyze the economic forces that enabled the introduction of rugby in Brazil and Argentina in the mid-19th century. Based on a critique grounded in the Marxist tradition, Grounded in the Marxist tradition, this study moves beyond interpretations focused on surface-level aspects such as English immigration and foundational myths surrounding key sports figures. Using the category **pattern of capital reproduction**, the article identified the material structures that conditioned the inclusion of this sport as part of the process of expansion of the capitalist mode of production. The analysis demonstrated that the dynamics of capital accumulation and reproduction — marked by capital export, infrastructure control, and economic subordination of peripheral countries — were decisive for the formation of a new cultural framework in Latin American urban centers, within which rugby emerged as an expression of modernity and of British domination.

Keywords: Pattern of Capital Reproduction. Rugby. Brazil. Argentina.

Resumen: El objetivo de este estudio fue analizar las determinaciones económicas que posibilitaron la introducción del rugby en Brasil y Argentina a mediados del siglo XIX. A partir de una crítica fundamentada en la tradición marxista, se buscó trascender las interpretaciones centradas en aspectos inmediatos, como la inmigración inglesa y los mitos fundacionales en torno a figuras deportivas. Com base en la categoría **patrón de reproducción del capital**, el artículo identificó las estructuras materiales que condicionaron la inserción de esta práctica deportiva como parte del proceso de expansión del modo de producción capitalista. El análisis evidenció que la dinámica de acumulación y reproducción del capital — marcada por la exportación de capitales, el control de infraestructuras y la subordinación económica de los países periféricos — fue determinante para la constitución de una nueva arquitectura cultural en los centros urbanos latinoamericanos, en la cual el rugby surgió como expresión de la modernidad y la dominación británica.

Palabras clave: Patrón de reproducción del capital. Rugby. Brasil. Argentina.

LICENÇA DE USO

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja corretamente citado. Mais informações em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>

CONFLITO DE INTERESSES

Os autores declararam que não existe nenhum conflito de interesses neste trabalho.

CONTRIBUIÇÕES AUTORAIS

Danilo Lutiano Valerio: Conceituação; Investigação; Metodologia; Redação (esboço original).

Ary José Rocco Júnior: Supervisão; Conceituação; Metodologia; Redação (revisão do texto).

Marco Bettine: Metodologia; Validação; Redação (revisão e edição final do texto).

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado sem o apoio de fontes financiadoras.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

COMO REFERENCIAR

VALERIO, Danilo Lutiano; ROCCO JÚNIOR, Ary José; ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de. Entre Trilhos e Trys: Rúgbi, Modernidade e Dependência no Brasil e na Argentina do Século XIX. **Movimento**, v. 32, p. e32006, jan./dez. 2026. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.148341>

RESPONSABILIDADE EDITORIAL

 Alex Branco Fraga*

 Elisandro Schultz Wittizorecki*

 Mauro Myskiw*

 Raquel da Silveira*

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Porto Alegre, RS, Brasil.